

RODA DE CONVERSA 3 · 8º SBEU | 38ª REUNIÃO ANUAL DA ABEU 2026

Com a IA, todos viramos editores?

Memória, esquecimento e editoras na era da inteligência artificial

Andre Stangl - Site: andrestangl.com

editar

[e.di.tar] v.

1. preparar, organizar e publicar (um texto, livro, obra).
2. selecionar, cortar, corrigir, revisar.

IA

gerar
resumir
traduzir
reescrever
sintetizar

Como posso
ajudar?

Se todos podem editar,
quem organiza o que deve ser lembrado?

*“A memória é
uma ilha de edição”*

Waly Salomão

Carta aberta a John Ashbery

Algaravias: Câmara de ecos, 1996

Eixo de leitura

**Editar é escolher o que será preservado
— e, por consequência, o que será
apagado.**

- Memória não é arquivo neutro: é montagem, corte e seleção.
- O poema aproxima lembrança, arquivo, cinema e apagamento político.
- A edição aparece como gesto antientropia: reter alguns traços contra a dispersão.



REAPRENDER TAMBÉM É ESQUECER

Reflexões de Vilém Flusser sobre memória, tecnologia e revalorização de valores

O QUE FLUSSER DIZ?

“

Nós teremos de reaprender muitas coisas. [...] Uma vantagem da inteligência artificial é que ela pode esquecer sem qualquer problema. Nós aprendemos com ela a importância do esquecer. Temos de aprender que, da mesma maneira, é importante ser apagado da memória.

Imortalidade e morte significam reaprender, reconhecimento e anonimato querem dizer aprender a **revalorar**.”

(FLUSSER, 2010, p. 163)

A IDEIA CENTRAL

Na era das máquinas inteligentes, aprender não basta mais: precisamos **aprender a esquecer**.

As memórias artificiais armazenam mais e processam melhor, mas sua vantagem decisiva é **esquecer melhor que nós**: podem apagar modelos antigos para dar espaço a novos.

Isso nos obriga a repensar o valor da memória e a reconhecer que o **esquecimento também é essencial** para a mudança e para novos começos.

POR QUE ISSO IMPORTA?



Memória demais pode virar prisão: preserva, mas também congela o passado.



Esquecer libera espaço: permite desapareço de erros, rótulos, identidades e modelos ultrapassados.



Esquecer é condição para reaprender: abre caminho para novos modos de pensar e viver.



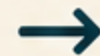
Anonimato também tem valor: não estar sempre visível pode ser proteção, liberdade e abertura para recomeçar.

REAVALIANDO VALORES

VALORES TRADICIONAIS



Ser lembrado é bom



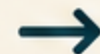
Reconhecimento é bênção



Memória preserva a vida



Esquecer é perda



REAVALIAÇÃO PROPOSTA POR FLUSSER

Às vezes, ser esquecido também liberta

Anonimato pode ser proteção ou abertura

Memória demais pode congelar a vida

Esquecer pode ser condição para aprender de novo

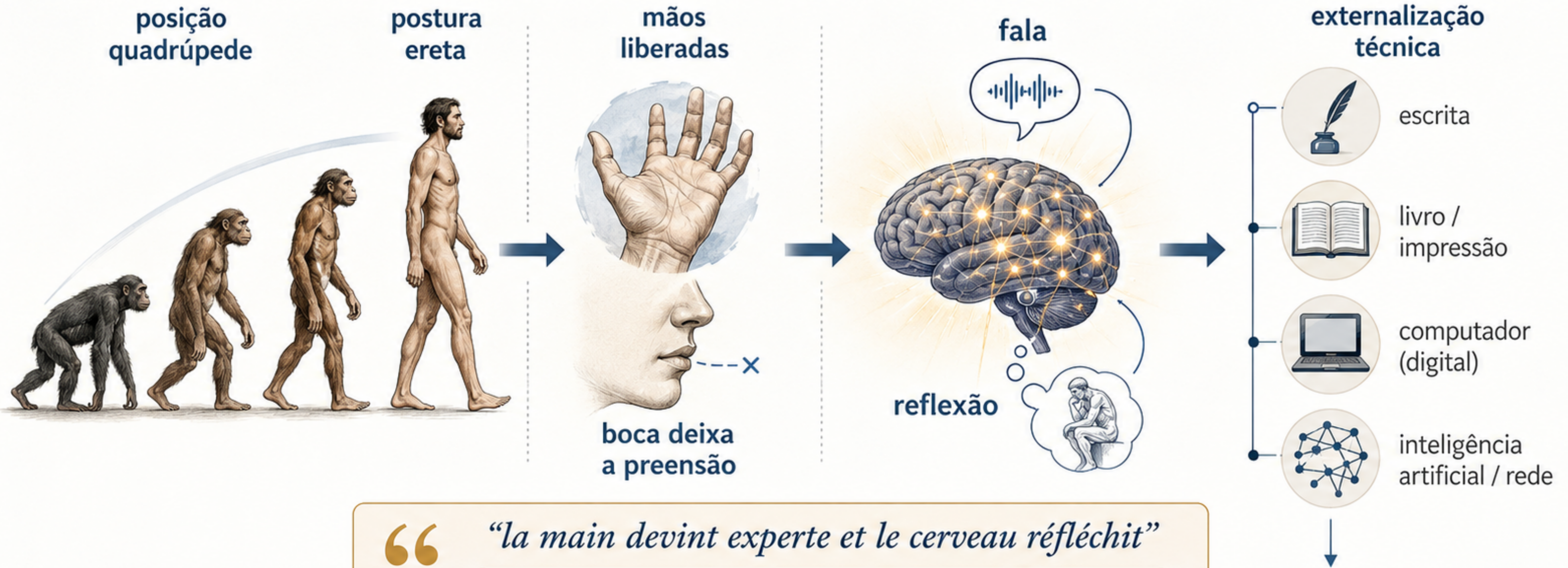
EM UMA FRASE

“ Na cultura digital, talvez precisemos do direito de desaparecer, de sermos esquecidos, para que novos modos de vida e pensamento possam surgir. ”



Para Flusser, imortalidade e morte, reconhecimento e anonimato não são opostos absolutos. São pares de valores que precisamos reaprender a reavaliar na sociedade pós-histórica.

Michel Serres: da postura ereta à exteriorização técnica



“

“la main devint experte et le cerveau réfléchit”

A mão tornou-se experta, e o cérebro refletiu.



Para Serres, uma perda funcional pode tornar-se ganho cognitivo: a técnica exterioriza capacidades e reconfigura o humano.



Polegarzinha: a geração que carrega o mundo nas mãos

Serres chama de Polegarzinha a juventude conectada. Ela acessa o mundo pelo celular, escreve com os polegares, vive com a memória distribuída e o saber em rede. A autoridade se descentraliza.

"Polegarzinha não tem menos mundo. Ela tem outro mundo nas mãos."

Polegarzinha

Michel Serres e o nascimento de um novo ser humano na cultura digital



não tem mais a mesma cabeça



o saber torna-se distribuído



a escola e as instituições entram em crise



é preciso reinventar o ensino,
os laços sociais e a política



Depois dos polegares, os prompts

Se Polegarzinha digitava, pesquisava e compartilhava, agora ela também **conversa com sistemas que respondem, sintetizam, reescrevem e propõem**. A escrita vira processo iterativo. O leitor solicita versões. O autor se torna coordenador.

"O prompt não é apenas uma pergunta. É uma instrução editorial."

Polegarzinha na era da IA

Michel Serres diante da inteligência artificial:
da cabeça exteriorizada à máquina interlocutora



a cabeça exteriorizada torna-se dialogante



do acesso ao saber à coescrita com máquinas



o professor deixa de ser apenas transmissor e vira mediador



invenção, julgamento e responsabilidade tornam-se centrais



da busca à conversa • da informação à interpretação • da transmissão à co-criação

Quem escreveu este texto?

A polêmica da Folha sobre coescrita com IA revelou que a ansiedade contemporânea não é apenas tecnológica — é sobre **confiança**.

Autoria

Quem assina responde pelo texto?

Transparência

O processo de produção está declarado?

Responsabilidade

Quem responde pelo publicado?



FOTOGRAFIA, BAUDELAIRE E A PINTURA

Quando a câmera chegou, a arte mudou de direção

1839

Anúncio do daguerreótipo

Louis Daguerre apresenta oficialmente o daguerreótipo na França (19 de agosto de 1839). Nasce a fotografia.



1840–1850

Popularização inicial

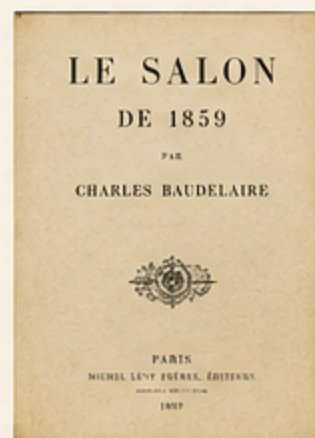
A fotografia começa a se difundir na Europa. Retratos fotográficos se tornam mais rápidos e baratos que os retratos pintados.



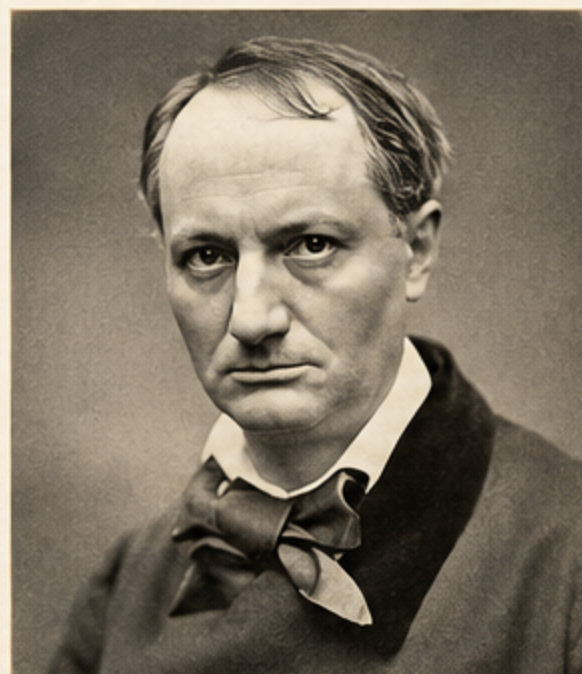
1859

Baudelaire critica a fotografia

Charles Baudelaire publica seus textos sobre o Salão de 1859, onde faz uma das críticas mais influentes à fotografia.



CHARLES BAUDELAIRE (1821–1867)



Poeta e crítico francês, autor de "As Flores do Mal" (1857).

1860–1870

Reação dos pintores: novos caminhos

Libertos da obrigação de copiar fielmente a realidade (como a câmera fazia), pintores exploram luz, cor, atmosfera e impressões.



1874 em diante

Impressionismo e vanguardas

A fotografia não destruiu a pintura; ao contrário, ajudou a impulsionar a arte moderna e novas formas de expressão.



OS MEDOS INICIAIS



Ameaça à pintura

Temor de que a fotografia substituísse a arte e tornasse o pintor obsoleto.



Impacto econômico

Retratistas temiam perder clientes para os retratos fotográficos, mais rápidos e baratos.



Perda da alma da arte

Crítica à ideia de que a fotografia produzia apenas cópias mecânicas, sem imaginação ou emoção.

“

A fotografia é um refúgio para pintores decadentes, para artistas incapazes, para os que não têm originalidade, para os que só têm olhos mas não têm alma.

– Charles Baudelaire, *Salão de 1859*

”

O QUE REALMENTE ACONTECEU



A câmera assumiu a função de registrar o real com precisão.



A pintura ganhou liberdade para explorar outros caminhos.



Artistas passaram a investigar luz, cor, movimento, emoção e subjetividade.



Surgem movimentos como Impressionismo (1874) e, depois, as vanguardas.



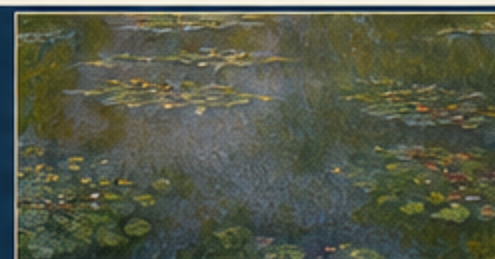
A fotografia e a pintura não competiram como inimigas, mas transformaram-se em linguagens complementares.



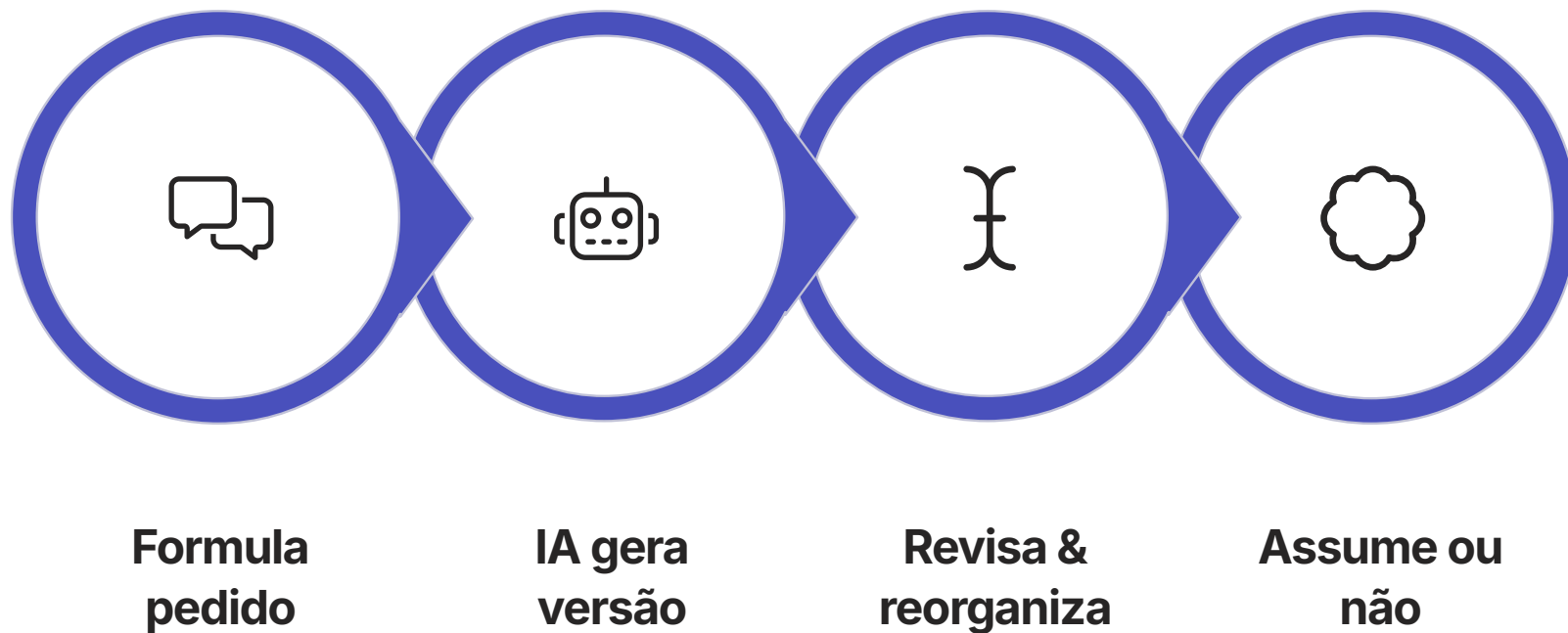
A arte moderna nasce desse diálogo entre técnica e criação.

EM RESUMO

Entre 1839 e o final do século XIX, a fotografia passou de novidade tecnológica a fenômeno cultural. Inicialmente vista como ameaça, ela acabou libertando a pintura da obrigação de copiar a realidade, permitindo o surgimento da arte moderna.



Autoria, coautoría, edição



"Na coescrita com IA, o autor se torna também editor do processo."

Integridade, transparência e responsabilidade

A portaria sobre integridade não é repressão — é sintoma de uma **necessidade institucional**. A universidade e as editoras precisam discutir: quando declarar o uso de IA, como garantir responsabilidade, como preservar a confiança pública no conhecimento.



O problema não é necessariamente usar IA.

O problema é **ocultar processos que afetam a autoria, a revisão e a legitimidade do texto.**



Declarar o uso



Registrar processos



Garantir rastreabilidade



Todos viramos editores?

Sim — em certo sentido. Qualquer pessoa pode hoje pedir sínteses, reescrever em outro tom, traduzir, resumir, adaptar e publicar. Mas essa democratização não elimina uma distinção fundamental:

"Todos podemos realizar gestos editoriais. Mas nem todo gesto editorial produz legitimidade pública."

Quando tudo pode ser produzido, o que merece ser preservado?

∞

Textos possíveis

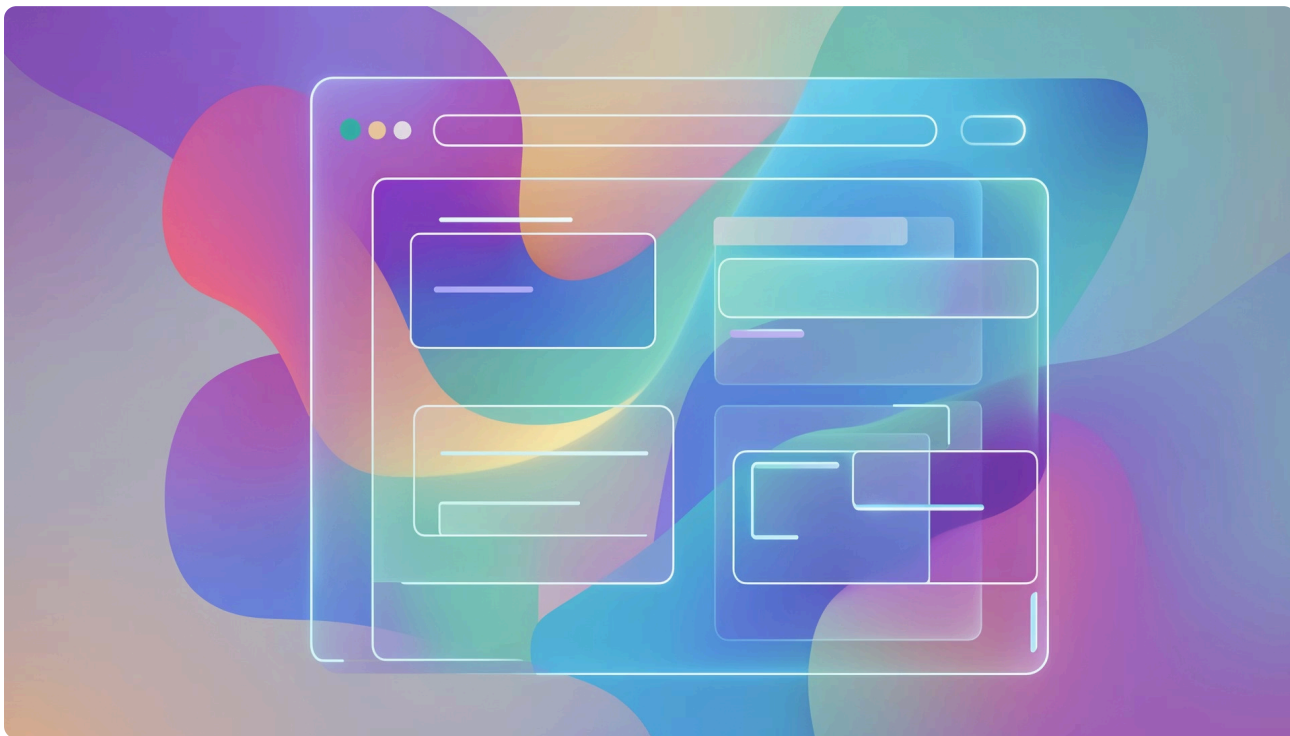
A IA aumenta indefinidamente a produção de versões e sínteses

1

Pergunta decisiva

O que, afinal, merece permanecer?

"Quanto mais fácil produzir textos, mais difícil se torna decidir o que deve permanecer."

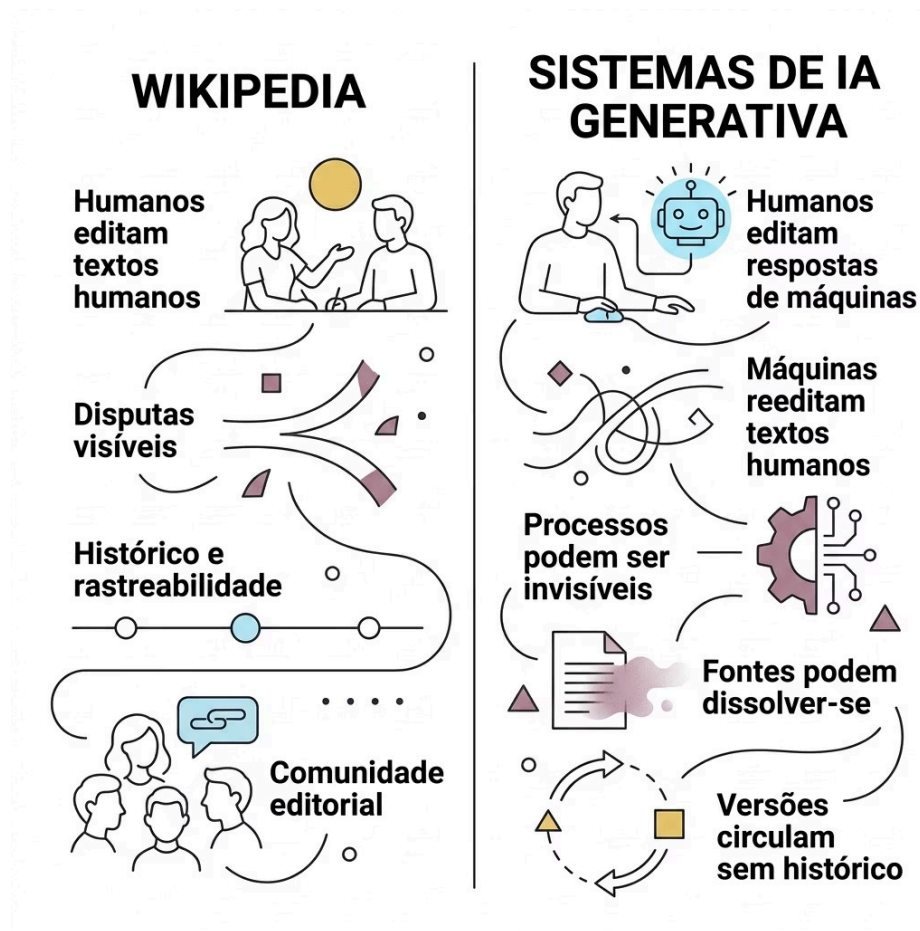


Wikipedia: todos podem editar, mas não de qualquer jeito

A Wikipedia mostrou que a edição distribuída pode produzir conhecimento relevante — mas apenas porque criou **formas próprias de organização**: histórico de versões, verificabilidade, moderação, disputas públicas sobre fontes.

"A abertura editorial não eliminou a necessidade de instituição. Ela criou novas formas institucionais."

Da edição colaborativa à edição algorítmica



Na Wikipedia, as disputas ficam relativamente visíveis. Na IA generativa, os processos podem se tornar opacos. Fontes se dissolvem. Versões circulam sem histórico claro.

"A IA nos obriga a perguntar: como tornar essa edição responsável, rastreável e pública?"

A instituição editorial como espaço de memória pública

As editoras universitárias não são apenas lugares de produção de livros. São espaços que ajudam a sociedade a organizar **o que merece ser publicado, preservado, debatido e lembrado.**

"Com a IA, talvez todos tenhamos nos tornado editores. Mas isso não torna as editoras menos importantes. Torna-as ainda mais necessárias. Porque alguém precisa organizar publicamente o debate sobre o que merece ser lembrado."

QUEM CONSTRÓI AS ILHAS DE EDIÇÃO?



Nota técnica

Esta apresentação foi desenvolvida em processo de coescrita com sistemas de inteligência artificial generativa, utilizando principalmente o [ChatGPT](#) em ambiente de *Project*, com construção progressiva de contexto, referências e linhas conceituais.

Foram utilizados:

- modelos de linguagem customizados e instruções específicas de contexto;
- diálogos iterativos de pesquisa, edição e organização conceitual;
- geração assistida de resumos, conexões teóricas e estruturas narrativas;
- criação de imagens conceituais por IA generativa;
- uso do [Gamma](#) para apoio à composição visual e estruturação dos slides.

O processo envolveu múltiplas etapas de curadoria, revisão, seleção, exclusão e reorganização de conteúdos, entendendo a edição não apenas como operação técnica, mas como prática crítica de mediação cultural.

Nesse sentido, a própria apresentação funciona como experimento de reflexão sobre autoria, memória, apagamento, coescrita e edição na era das inteligências artificiais generativas.